

O que não tem remédio, remediado está!

Tânia Coelho dos Santos

Encontrar atalhos, por meio de soluções psicoterapêuticas, acompanha a invenção do dispositivo analítico. A proliferação dos psicofármacos, modalidade atual de apaziguamento da angústia, é isomorfa dos sintomas contemporâneos. Sem tempo para imaginar, devanear, fantasiar, quase toda satisfação toma a via da compulsão. As soluções não-analíticas satisfazem a exigência pulsional. É preciso reinventar o poder da transferência de proporcionar uma satisfação substituta ao sintoma. Alguns psicanalistas tentaram fazê-lo graças à contratransferência. Lacan, ao contrário, deduziu dela a presença real do desejo do analista.

Palavras-chave: Psicofármacos, sintomas contemporâneos, contratransferência, desejo do analista

Este bem-humorado ditado popular que usamos como título deste artigo, define uma vertente importante da posição do primeiro psicanalista, S. Freud, diante do aspecto mais inevitável da doença neurótica, a repetição dos acontecimentos traumáticos na transferência e a exigência de decifrá-los no campo da interpretação. O desejo de encontrar atalhos – por meio de soluções psicoterapêuticas – que passem ao largo da transferência e da interpretação, é uma sombra que acompanha a descoberta do inconsciente e a invenção do dispositivo analítico. Nesse momento da história da psicanálise, em particular, travamos uma dura batalha contra a proliferação dos psicofármacos. Penso que a ascensão dessa modalidade de apaziguamento da angústia é isomorfa dos sintomas contemporâneos. Arrisco-me a dizer que são efeitos do progresso da ciência e de suas relações com o capitalismo. Em linhas muito gerais, esse progresso é, talvez, um grande desafio para a inteligência dos cientistas, porém, os mortais comuns, possivelmente, não estão à altura de compreender e simbolizar suas conseqüências (Coelho dos Santos, 2001c, p. 153-8).

Esse avanço da ciência e da tecnologia alavancou o poder imaginário da medicina. Nunca se viu crença tão desmedida no poder de cura do remédio como nos dias de hoje. Esta modalidade de solução para a angústia cresce, eu prossigo, juntamente com a proliferação de sintomas de difícil classificação. Essas perturbações psíquicas são talvez, também elas, a conseqüência desse avanço do simbólico da ciência. À falta de elaboração psíquica, o sintoma manifesta-se aparentemente como desordem no corpo e não nas vias da imaginação. As pessoas, hoje, não têm mesmo muito tempo para imaginar, devanear, fantasiar e talvez nossa cultura nem mesmo demande esse tipo de atividade. Da angústia ao pânico, da agitação à insônia, do hábito ao vício, do gosto à compulsão, do prazer ao abuso, da preferência à fixação, pode-se deduzir que tudo, quase tudo que faz parte da existência normal, enseja uma modalidade sintomática pela via do exagero, da separação do circuito de trocas simbólicas. As afecções contemporâneas típicas são modalidades escancaradas de satisfação pulsional aparentemente auto-eróticas, isto é, que parecem passar ao largo da fantasia. Anorexias, bulimias, toxicomanias, adição ao trabalho, ao esporte e à modelação do corpo, adição às dietas bem como tendência à obesidade, angústia em excesso tanto quanto inibições incapacitantes, insônias assim como quadros depressivos.

O apelo ao medicamento, à solução *ready-made*, está de acordo com a posição subjetiva (melhor seria dizer objetificada) mais adequada ao tempo que vivemos. Tudo leva a crer que o esvaziamento da palavra, da atividade simbólica, dos laços sociais familiares e comunitários se faz acompanhar de uma sintomatologia nova, mais imprevisível, mais idiossincrásica, mais difusa e que confunde as tradicionais fronteiras entre a neurose e a psicose. É nesse novo jardim das espécies que floresce a cultura do psicofármaco. Ele é a resposta imediata, direta, que sem distinguir rigidamente uma angústia da outra, uma insônia da outra, uma depressão da outra, oferece, entretanto, a única dimensão de singularidade a que temos direito, a dose exata. Os medicamentos podem ser dosados conforme o caso. Podem ser administrados como uma dieta personalizada, ao mesmo tempo em que transpõem livremente as classificações estanques, estruturais, distintivas. O remédio é democrático. Ele nivela e homogeneiza. Está mais de acordo com uma cultura na qual nem as diferenças geracionais, nem as diferenças sexuais são mais importantes do que a suposta igualdade de todos diante da vida e da morte (cf. *ibid.*). Para essa nova condição, nem a psicanálise freudiana nem o primeiro ensino do freudiano Jacques Lacan nos aparelharam suficientemente. Ao contrário, eu diria que este último acentuou nossa crença nas distinções nosológicas: neurose, psicose e perversão. Para fazer face ao poder do medicamento é preciso uma psicanálise que relance os poderes da transferência, para além das fronteiras da classificação. Uma psicanálise que relativize a importância do Nome-do-pai, como operador simbólico, e admita que vivemos num tempo em que o “Outro não existe”. Penso que é disso que se trata, no assim chamado último ensino de Lacan. Passo, então, a construir uma breve história da emergência dos casos inclassificáveis na clínica psicanalítica e seu correlato técnico, a chamada contratransferência.

Vou identificar o medicamento à contratransferência do analista. Considero que são recursos da mesma ordem. Enuncio, para tanto, uma tese: o desejo do analista é um conceito que responde bem aos impasses dos novos sintomas, sem fazer apelo a recursos que só aumentam ou adiam a dificuldade. É uma tese ousada, mas apoiada na pesquisa histórica. Penso que extraí esse novo conhecimento da minha reflexão sobre o fracasso sistemático dos psicanalistas em lidar com o final da análise, dos mais inclassificáveis entre todos os seus analisandos, os que se tornam psicanalistas. O desejo do analista é um remédio raro, caro, escasso nesse mercado de transferências – que são as instituições psicanalíticas –, além de difícil de inventar, fabricar e de reproduzir. De que substância ele é feito?

Para produzi-lo, há alguma coisa que devemos aprender com essas soluções não-analíticas. Elas satisfazem a exigência pulsional, aliviam o sofrimento da angústia, coisa que nem sempre o manejo clássico da interpretação pode fazê-lo.

Nosso desafio é pensar como é que a interpretação analítica pode visar ao real, e não apenas ao sentido, isto é, visar ao que o sintoma tem de potencialmente imprevisível, de inédito. Para isso é preciso reinventar o poder da transferência de proporcionar uma satisfação substituta ao sintoma.

**Da forclusão do Nome-do-pai à forclusão generalizada:
borderlines e inclassificáveis**

66

A intervenção de Jacques Lacan no desencaminhamento teórico que conduziu alguns pós-freudianos à trilha confusa da clínica dos quadros ditos *borderline*, nos levou a separar as estruturas neurótica, psicótica e perversa com base num poderoso operador, a resposta do sujeito à metáfora paterna. Essa solução, de extrema simplicidade teórica, serviu para reorientar a clínica psicanalítica, contornando o obstáculo iminente do rebaixamento da psicanálise às práticas psicoterapêuticas, em que o eixo dominante é a intersubjetividade. Devemos igualmente a Lacan a crítica ao correlato técnico dos quadros *borderline*, a exploração da contratransferência. Diferentemente de outros comentadores de Lacan, acredito que ele fez do vício, virtude, pois no rastro de sua intervenção esclarecedora, vimos separar-se o desejo do analista deste conceito técnico que é seu duplo narcísico. Essa reorientação fecunda trouxe à luz o real da angústia, como o ponto no qual o sujeito – que não é ainda – está, entretanto, em vias de advir (Coelho do Santos, 1994, p. 45-50). O real da angústia é o que precisamos distinguir da necessidade real do paciente. O apelo às necessidades reais do paciente traz consigo perigosas justificativas para que o analista deixe de lado a disciplina que deve adscrever seu ato ao “horizonte desabitado do ser”.

Se a pontuação de Lacan salvaguardou a clínica psicanalítica, ensinando a proceder diferentemente diante de neuróticos e de psicóticos, nos deixou um tanto desamparados diante de casos de difícil classificação. Nesse sentido, as teses de Jacques Alain Miller (1999) sobre o último ensino de Lacan permitem estabelecer uma nova perspectiva do sujeito como ser falante, relativizando essa primeira abordagem que enfatiza a descontinuidade entre neurose e psicose e promove duas classes estanques. O ser falante, na medida em que o tomamos como faz Miller (2000) – idêntico ao seu sintoma (significante + corpo) – não o definimos apenas como o efeito da inclusão simbólica ou da forclusão do Nome-do-pai. Admitimos que o mais essencial do seu sintoma seja talvez o ponto em que o Outro não existe, $S(A)$, que dá corpo a uma modalidade inédita de gozo, isto é, de sentido. Essa nova abordagem aponta para a continuidade entre a neurose e a psicose, que

são somente variações da existência do ser falante. A vantagem desse ponto de vista é acentuar a igualdade de neuróticos e psicóticos diante da vida e da morte, nos conduzindo a falar de modalidades de gozo em particular. Em lugar de uma abordagem do tipo “ou é isto ou é aquilo”, tomarmos a via aproximativa do tipo “mais ou menos” (Miller, 1999, p. 231). A clínica da forclusão generalizada, estabelecida por Miller, dá conta das numerosas aporias encontradas nos pós-freudianos acerca das psicoses – que conduziram, tanto à uma multiplicação das categorias nosográficas, quanto à categoria frouxa de pacientes *borderline*. A potência dessa clínica do gozo se deve a uma inversão de perspectiva quanto à função da linguagem. Segundo Guéguen (2000):

1. O sujeito da fala, o ser falante, pode encontrar na linguagem um modo de defesa contra o real. 2. Essa defesa pode, dependendo do caso, tomar diferentes formas que não são equivalentes, mas que todas têm por função apoiar-se nos semblantes para colocar o sujeito ao abrigo da invasão de gozo que o retorno do real no corpo produz. 3. Aquilo que chamamos, aqui, invasão de gozo, pode ser apreendido na clínica por meio de vários fenômenos: alguns são maciços e espetaculares (crimes, passagens ao ato suicidas ou passagens ao ato hétero ou auto-agressivas, dispersão na pulvirulência do delírio e também anorexias graves), outros, menos aparentes, são mesmo assim preocupantes (depressões intensas, estados de angústia agudos, queixas hipocondríacas que pode ter relação tanto com a neurose, quanto com a psicose).

Fazendo do vício, virtude, não há mais casos inclassificáveis na clínica psicanalítica pela razão, pura e simples, que todos os casos são, mais ou menos classificáveis. Quando muito, podemos alimentar a ambição de distinguir graus de inclusão de um sintoma em uma classe ou outra. Paradoxalmente, como reconhece Miller, precisamos mais do que nunca recorrer a matemas para formular um pensamento por aproximação.

Se a clínica psicanalítica não pode contar tanto com a classificação prévia, dependerá, mais do que nunca, do manejo da transferência. O que nos servirá de orientação é a incidência do real. Nossa atenção deverá incidir sobre o ponto no qual os semblantes vacilam, e a livre associação dá lugar a manifestações psíquicas que ameaçam romper o enquadre analítico. Eventos no corpo, *acting-outs*, passagens ao ato e a transferência negativa são o índice privilegiado da angústia, único afeto que não engana (Coelho dos Santos, 2001a, p. 40-7). Sobre o valor clínico desse momentos, avanço uma tese conforme se segue. Quando Lacan desenvolve um debate acerca da clínica da contratransferência, acredita tratar-se aí, tão-somente, de uma estratégia para manejar as incidências da angústia, único índice do real no tratamento analítico. A emergência da angústia é o sinal da queda da suposição de saber, ela desvela o objeto a como causa do desejo, esse semblante-real que fica velado sob a demanda de saber. Ele declara, na ocasião,

que a contratransferência é apenas a emergência da transferência do lado do analista. Minha hipótese é a de que sua crítica à redução do real em jogo na experiência analítica à intersubjetividade, ou à incidência do material inconsciente não-analisado do analista, visa elevar os sentimentos, pensamentos e atos contratransferenciais à dignidade de significantes do desejo do analista. Antecipo minha tese de que a contratransferência deve ser tomada como o único índice da angústia do lado do analista, isto é, do desejo do analista em vias de advir. Ante a emergência do real de uma carência de interpretação, diante de uma falta de classificabilidade do material do analisando, é preciso que o analista engaje-se na transferência – onde ele se inclui, não apenas como uma forma de retorno do recalçado, mas, também, como um corpo. Nessa modalidade transferencial, o analista é muito mais claramente o objeto de uma exigência libidinal atual, isto é, real.

Nessa condição, é preciso que ele faça um novo uso da interpretação. É preciso que ele se abstenha de usar a interpretação para remeter o real em jogo na cena analítica à repetição de imagens infantis. É preciso servir-se da interpretação de um modo inédito, que o inclua como causa. Para não deixar esse suposto ineditismo no terreno dos inefáveis da clínica psicanalítica, adianto, para justificar só mais adiante, que só podemos reconhecer o real como sem-sentido ou, ainda, como fora-do-saber se acreditamos que o que acontece é atual, e nos diz respeito diretamente. Foi isso que os analistas que enveredaram pelo caminho equivocado da contratransferência fizeram de modo selvagem, mas que precisamos mostrar que se pode fazer da maneira correta. Agir de acordo com a disciplina que herdamos de Freud, sem abrir mão da abstinência analítica, mas também sem confundi-la com a neutralidade científica.

Uma hipótese histórica: a clínica da contratransferência e os quadros *borderline*

Lacan concedeu uma grande importância à discussão da estratégia clínica da contratransferência, em seu *Seminário X: A angústia* e não menos em seus *Escritos*. Ele recusa a concepção alargada da resposta Real do analista por meio da contratransferência,¹ reiterando que se trata aí, sempre, da transferência do lado do analista. E o que é isto? É a intervenção do imaginário, do eu (*moi*) do analista na escuta do inconsciente. O que justifica esse desvio da técnica? Minha hipótese é a seguinte: a existência de quadros clínicos de difícil classificação. Porque

1. Tal como propõe Margareth Little, “R” – The analyst’s total response to the patients’s needs.

colocavam em dúvida o diagnóstico de neurose ou psicose, provocavam uma vacilação do analista de seu lugar de sujeito suposto saber (Coelho dos Santos, 2001a, p. 40-7). Esses casos preocupavam muito aos analistas porque havia sempre o risco, mais acentuado, do comparecimento de *acting-outs*, atuação de conteúdos inconscientes, supostamente oriundos da primitiva relação simbiótica com a mãe. Segundo se acreditava, eram de natureza pré-verbal. Alguns analistas pós-freudianos acreditavam também que o analista freudiano clássico, habituado à clínica com neuróticos, refugia-se numa posição pretensamente neutra e não se inclui – a si mesmo e ao seu inconsciente – na compreensão dos estados psíquicos de seu paciente. O passo seguinte foi a inclusão da subjetividade do analista no *setting*, pois se acreditava que seu eu refletia, adequadamente, aquilo que o paciente não tinha palavras para formular.

O termo *borderline* foi utilizado pela primeira vez por Wilhelm Reich (1925). Ele observa nesses pacientes a marcada ambivalência, o primado da agressão pré-genital, o prejuízo do eu e do supereu e do narcisismo acentuado. Oficialmente, foi Adolph Stern (1938) quem estabeleceu o uso do termo para nomear as seguintes manifestações clínicas: narcisismo, hemorragia psíquica, hipersensibilidade extraordinária, rigidez psíquica e física, reação terapêutica negativa, sentimentos constitucionais de inferioridade, insegurança orgânica ou angústia, masoquismo, uso excessivo de mecanismos projetivos, dificuldades no uso do teste de realidade – em particular nos relacionamentos interpessoais. Como se pode depreender facilmente dessa caracterologia, a idéia central é a de que não se tratava de sintomas neuróticos, isto é, das restrições da vida sexual, mas dos efeitos da frustração de necessidades primárias. Phyllis Greenacre (1941) fala de uma predisposição constitucional à angústia nesses pacientes. Hélène Deutsch (1942) os redefina como personalidades *as-if*, apoiando-se em Winnicott, que fala de falso-*self*. Ambos se aproximam do diagnóstico de uma patologia do caráter. Todos vão na direção de alargar a categoria de psicose, de modo a abranger indivíduos cuja personalidade é psicótica, mas não suas produções sintomáticas. As patologias de caráter, a rigor, contornam a centralidade do Édipo e da castração na constituição do sujeito, erigindo em seu lugar, como operador estrutural, a relação mãe-bebê. O ego narcísico, para constituir-se, parece prescindir amplamente da metáfora paterna, dependendo principalmente de uma mãe suficientemente boa.

Um segundo período se inicia com um artigo clássico de Robert Knights (1953), defendendo a idéia de que o ego do paciente *borderline* é frágil e incapaz de mantê-lo funcionando. Essa é a conseqüência psíquica de relações interpessoais perturbadas ou de eventos traumáticos. Nesses casos, a interpretação é desaconselhável, porque pode fragilizar as poucas defesas do ego. Otto Kernberg (1967-1975) é, talvez, o nome mais expressivo de um terceiro período. A tese,

de que há patologias do caráter, permite agora atravessar as fronteiras entre neurose e psicose.

As organizações *borderline* da personalidade seriam o resultado de um estágio mais avançado da repressão do que na neurose. As defesas contra a fragmentação do eu e o teste de realidade funcionariam, entretanto, melhor do que na psicose. O que nos interessa, especialmente, é que ele reúne na categoria *borderline*, muitas das manifestações clínicas que hoje chamamos de casos inclassificáveis. Por exemplo: patologias do caráter (estados pré-psicóticos, esquizóides, paranóides e ciclotímicos), personalidades anti-sociais, quadros de automutilação, drogadicções severas, comportamentos impulsivos aparentando uma perversidade polimorfa.

Quanto ao tratamento dessas patologias, penso que essa é a chave do nascimento da clínica da contratransferência, pois trata-se da história das práticas destinadas a suprir as supostas insuficiências da interpretação psicanalítica. Paula Heinmann (1949) faz a crítica da ortodoxia freudiana que reduz a contratransferência a um obstáculo, uma perturbação da ordem do não-analisado do analista. Defende a idéia de que a contratransferência é um instrumento de trabalho e de pesquisa. O analista deve acolher e interrogar seus sentimentos pelo seu paciente, pois essa é a chave que abre o inconsciente do paciente. Margareth Little (1956) adota o conceito alargado de contratransferência cunhado por Paula Heinmann, mas ela o rebatiza, retirando-o da esfera restrita de uma resposta à transferência do paciente, uma vez que ela aloca todo inconsciente na relação intersubjetiva. Introduziu-se na experiência analítica, justamente, aquilo que Freud – esse difamado sujeito da ciência – havia cuidadosamente excluído, a subjetividade do analista. O que justifica essa inclusão do ego do analista, é a suposta regressão do ego encontrada no paciente do tipo *borderline*. O grau de regressão do paciente requereria, como contrapartida, a transferência do analista, deslocando-o do lugar dissimétrico ou abstinente que Freud lhe designara. Esses pacientes levariam o analista a uma exacerbação da contratransferência, apresentando sentimentos imprevistos, reações às identificações precoces do seu paciente. Em nome dos pacientes impossíveis, foi possível legitimar o rebaixamento da escuta analítica às práticas psicoterapêuticas, nas quais o que domina é a suplência da suposta incapacidade simbólica dos referidos pacientes.

O que se segue, exemplifica o ângulo muito particular por meio do qual interpreto a contribuição de Lacan a esse debate. Penso que os psicanalistas que promoveram o recurso à contratransferência atiraram no que viram e acertaram no que não viram. Com essa ferramenta nova, o desejo do analista, podemos visar à dupla face da interpretação a que visa ao real vazio de simbólico, e a que vivifica a presença real do analista que nada tem de vazia. A presença real é presença de espírito. Isso é muito diferente de apostar que os sentimentos, emoções,

e experiências da pessoa do analista devam ser comunicados ao analisando. Ao contrário, trata-se de tomar a contratransferência como o único índice do inconsciente do lado do analista. Trata-se de torná-la um instrumento que prenuncia o desejo de analista, também, ele mesmo, sempre em vias de advir. Precisamos parar de supor que quando alguém termina uma análise devém analista de uma vez por todas. Um analista presentifica-se em ato. Um analista é uma resposta do real. Um analista não é uma condição garantida, antecipável, sustentada graças ao suposto término de sua própria análise. Um analista deve dar provas de seu desejo sempre em vias de advir, no ato de fazer da sua contratransferência o sinal de angústia, em que ele se antecipa como intérprete do inconsciente.

Como tratar o que é impossível de classificar?

Ana Laura é portadora de uma doença rara, bastante desconhecida, que ocasiona diarreias letais, causa obstruções intestinais graves e provoca o aparecimento de fístulas no intestino. Para tratá-las, precisou submeter-se a várias intervenções cirúrgicas. Se tomarmos o viés mais clássico, não se trata de histeria, pois a causa anátomo-patológica está bem patente, para não nos confundirmos. Todo portador dessa doença é muito magro, e esse fato está diretamente ligado à razão pela qual eles nunca sobrevivem. Entretanto, ela é gorda. Por essa razão, seu médico lhe diz que ela não vai morrer disso, e aconselha, enigmaticamente, um tratamento psicológico. Pouco depois de suas primeiras sessões, ela é internada com septicemia. O rompimento de uma fístula ocasiona o vazamento do conteúdo do intestino na cavidade abdominal, e isso costuma matar por infecção generalizada. Entretanto, ela não morre, mas prossegue seu tratamento entre internações de emergência, cirurgias e um sofrimento físico incomparável. Encontramo-nos, enquanto ela não morre, e esse assunto é o tema principal do seu tratamento. Invariavelmente, ela chega ao meu consultório acometida de diarreias fétidas e dolorosas e precisa interromper a sessão para ir ao banheiro. Nossos encontros são tediosos, deprimentes, pois a ameaça de morte é uma eterna assombração.

Certa vez, depois de uma sessão difícilíssima, em que falamos das mortes de seu pai, de um antigo caso amoroso, de seu irmão, além de outras pessoas a quem era muito ligada, ela retorna queixado-se ruidosamente, enfaticamente, num tom mais desesperado do que o habitual, de diarreia. Eu lhe disse, essa diarreia não foi causada pela sua doença, foi desencadeada pela sua análise. Ela me chamou de louca, disse que seu caso era indiscutivelmente médico e saiu revoltada pela porta, interrompendo a sessão. Seguiu, segundo eu soube depois, diretamente para o consultório do seu médico e lhe contou o acontecido. Ele diz que sua analista

pode ter razão e que, talvez, a diarreia de que ela se queixa hoje não tenha sido provocada pela sua doença.

A diarreia, na sessão analítica, é uma incidência do real, um índice da angústia – único afeto que não engana – sinal do sujeito em vias de advir (Coelho dos Santos, 2000, p. 173-95). Elevar a diarreia à dimensão do significante, mesmo não podendo interpretá-la na sua relação aos significantes da história dessa mulher, elevava também a mim, como analista, à dignidade do objeto causa do desejo. O manejo da diarreia a serviço da transferência permitiu, pelo menos, que a repetição pulsional, encoberta pela doença orgânica, revelasse sua dependência do objeto inconsciente.

Do lugar de analista, trata-se de tomar o real presentificado na sessão como algo que necessariamente o inclui. Entretanto, não é a mesma coisa incluir-se como um eu, na intersubjetividade, e incluir-se como objeto inconsciente, preservando o enigma acerca de que objeto se trata. Casos inclassificáveis são aqueles que fogem à tipologia mais conhecida. Desafiam os limites da interpretação psicanalítica, e nos obrigam a alargar o campo de abrangência do que deve ser, de direito, da ordem do inconsciente. Acima de tudo, eles nos servem para aclarar a natureza da tarefa analítica. Penso que casos como esses nos ensinam, por analogia, como devemos agir em situações igualmente críticas, isto é, nos momentos em que a repetição em análise empurra para a interrupção. São momentos em que a angústia está velada sob o *acting-out*. Penso que se trata sempre da queda da suposição de saber, quando a repetição em ato faz aparecer, de um modo insuportável, insustentável, aquilo que teríamos sido, até então, como objeto para o analisando. A queda do analista do lugar de sujeito suposto saber – quando não é recuperada pela presença de espírito da interpretação adequada – pode provocar o *acting-out* do lado do paciente ou ensejar o prolongamento de uma análise que já poderia ter sido concluída.

O término de uma análise, por sua vez, requer do analisando uma passagem ao ato, uma separação de seu analista. Esse gesto não prescinde de um consentimento do analista, isto é, da interpretação que o precipita e sanciona. Penso desenvolver esse tema num outro trabalho, extraindo as consequências de uma clínica dos casos inclassificáveis para a formação do analista.

Referências

COELHO DOS SANTOS, Tania. A angústia na teoria e na clínica. *Revista do Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 27, p. 45-58, 1994.

_____. Da lógica da fantasia à finalidade do ato psicanalítico. *Revista do Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 28, p. 155-64, 1995.

- _____. De que desejo do Outro a angústia é o sinal? *Latusa – Revista Brasileira de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 4-5, p. 173-95, 2000.
- _____. Acting-out: o objeto causa do desejo na sessão analítica. *Opção Lacaniana, Revista Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 29, p. 40-7, 2001a.
- _____. A angústia e o sintoma na clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. IV, p. 105-25, 2001b.
- _____. *Quem precisa de análise hoje?* São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. Um estudo comparativo da angústia na neurose obsessiva e na histeria. In: BESSET, Vera (org.) *Angústia*. São Paulo: Escuta, 2002a. p. 37-52.
- _____. O analista como parceiro dos sintomas inclassificáveis. *Latusa: Revista da Escola Brasileira de psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 153-68, 2002b.
- DEUTSCH, Hélène. Some forms of emotional disturbance and their relationship to shizophrenia. *Psychoanalytic Quaterly*, New York, v. 11, p. 301-21, 1942.
- GREENACRE, Phillis. The predisposition to anxiety. Part II. *Psychoanalytic Quaterly*, New York, v. 10, p. 610-38, 1941.
- GUÉGUEN, Pierre-Gilles. Freud et la clinique du réel. In: ECF\ACF (eds.). *Quand les semblants vacillent. Actes des Journées d'Études*, Paris, p. 62-7, 2000.
- HEINMANN, Paula. On countertransference. *The International Journal of Psycho-Analysis*, Londres, v. XXI, p. 81-4, 1950.
- KERNBERG, Otto. Borderline personality organization. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, New York, v. 15, p. 641-85, 1967.
- _____. *Borderline Conditions and Pathological Narcissism*. New York: Jason Aronson, 1975.
- _____. *Severe Personality Disorders*. New Haven, CT: Yale University Press, 1984.
- KNIGHT, Roberts. Borderline states. *Bulletin of the Meninger Clinic*, 1953; apud, KOURETAS, Nicolas. The development of the concept of the 'Borderline' in psychoanalytic Diagnosis and treatment. In: GUREWICH, Judith Fehrer et TORT, Michel (org.). *The Subject and the Self*. New Haven, CT: Jason Aronson, 1998. p. 44-61b.
- LITTLE, Margareth. R – The analyst's total response to the patients's needs. *International Journal of Psycho-analysis*, Londres, v. 32, 1956.
- MILLER, Jacques-Alain. In: DE GEORGES, Phillipe et al. (org.). *La convention d'Antibes*. Paris: Seuil, 1999. (Collection Le Paon.)
- _____. Biologie lacanienne et événement de corps. *Événement des corps, La Cause freudienne – Revue de Psychanalyse*, Paris, n. 44, p. 7-60, maio/2000.
- REICH, Wilhelm. *Der triebhaft Character*. Leipzig: Leipzig Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1925.
- STERN, Adolph. Psychoanalytic investigation and therapy in the borderline group of neurosis. *Psychoanalytic Quaterly*, New York, v. 7, p. 467-89, 1938.

Resumos

Encontrar atajos por medio de soluciones psicoterapéuticas, acompaña la invención del psicoanálisis. La proliferación de los psicofármacos, modalidad actual de apaciguamiento de la angustia, es isomorfa de los síntomas contemporáneos. Sin tiempo para imaginar, devanear o fantasear casi toda la satisfacción toma la vía de la compulsión. Las soluciones no analíticas satisfacen la exigencia pulsional. Es necesario reinventar el poder que tiene la transferencia de proporcionar una satisfacción sustitutiva al síntoma. Algunos analistas intentaron el camino de la contra-transferencia. Lacan, al contrario, dedujo de ella la presencia real del deseo del analista.

Palabras clave: Psicofármacos, síntomas contemporáneos, contra-transferencia, deseo del analista

Trouver des raccourcis, à l'aide de solutions psychothérapeutiques, accompagne l'invention du dispositif analytique. La prolifération des psychotropes, modalité actuelle d'apaisement de l'angoisse, est isomorphe des symptômes contemporains. Manquant de temps pour imaginer, rêver, fantasmer, presque toutes les satisfactions prennent la voie de la compulsion. Les solutions non-analytiques satisfont l'exigence pulsionnelle. Il faut réinventer le pouvoir qu'a le transfert de donner au symptôme une satisfaction substitutive. Certains analystes ont tenté de le faire à l'aide du contre-transfert. Lacan, au contraire, en a déduit la présence réelle du désir de l'analyste.

Mots clés: Psychotropes, symptômes contemporains, contre-transfert, désir de l'analyste

The search for shortcuts through psychotherapeutic solutions has always been part and parcel of the invention of psychoanalysis. The proliferation of psychopharmacology, the current form of relieving anxiety, is shaped like a contemporary symptom. With no time to imagine, dream or fantasize, almost every satisfaction takes the form of a compulsion. Non-analytic solutions satisfy the instinctual drives. But the power of transference to provide a substitute satisfaction for the symptom must be re-invented. Some psychoanalysts have tried to do this through counter-transference. In contrast, Lacan deduced from it the real presence of the analyst's desire.

Key words: Psychopharmacology, contemporary symptoms, counter-transference, analyst's desire

Versão inicial recebida em setembro de 2003

Versão revisada recebida em dezembro de 2003